

O HISTÓRICO DA ANATOMIA PATOLÓGICA NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Zilton A. Andrade & Sonia G. Andrade

Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA; Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz – Fiocruz; Salvador, BA, Brasil

Apresentamos inicialmente um breve resumo da evolução da anatomia patológica, como um preâmbulo necessário para se analisar a história desta especialidade na nossa bicentenária Faculdade de Medicina da Bahia, o que deverá facilitar uma melhor compreensão do que vem acontecendo entre nós.

Na primeira Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia⁽¹⁾, datada de 1854, o relator Malaquias Álvares dos Santos já se referia a uma Cadeira de Anatomia Geral e Patológica. Mas, é bem provável que uma disciplina que poderia ser designada como Anatomia Patológica já existisse no currículo da nossa Faculdade desde a sua inauguração em 1808, pois já no século XIV se faziam dissecações sistemáticas de cadáveres nas universidades européias, e esta prática continuou a ser feita, em vários casos, com a finalidade expressa de se encontrar o local e a causa das doenças. O ponto culminante da evolução desta disciplina médica foi atingido com precursores do porte de Andreas **Vesalius** (1514/1564), **William Harvey** (1578/1657), **Giovanni Battista Morgagni** (1682/1771), **René Théophile Hyacinthe Laennec** (1781/1826), **Karl Maria von Rokitansky** (1804/1878), **Rudolf Virchow** (1821/1902) e **William Henry Welch** (1850/1934). Esta primeira fase representou um período de estudos essencialmente morfológicos, onde por muito tempo predominaram os ensinamentos da escola alemã. O objetivo principal desta então nova ciência era catalogar as modificações estruturais que as doenças causavam nas células e nos tecidos, órgãos, aparelhos e sistemas. Havia nas autópsias um rico e variado manancial de dados a serem descritos e classificados e isto deveria ser feito de uma maneira precisa, metódica, e detalhada. A documentação iconográfica era ainda limitada, portanto as palavras deveriam fornecer uma imagem a mais próxima possível da realidade, não importando se o produto resultasse por vezes longo e prolixo. Foi esta fase de análise e interpretação, que permitiu se estabelecer em bases sólidas toda a ciência da chamada Anatomia Patológica. Ela foi incorporada aos programas das escolas médicas, presume-se que desde muito cedo. A princípio a Anatomia Patológica surgiu nos meios acadêmicos exclusivamente como um instrumento de pesquisa sobre as origens e os efeitos das doenças. O patologista se confundia com o cientista das nossas histórias atuais de ficção científica. Trabalhava isoladamente, era olhado com respeito ou temor, e se comunicava com os demais mortais

através de laudos descritivos, longos e detalhados, cujo real significado só poucas pessoas especialmente treinadas poderiam compreender. Os médicos em geral contemplavam os elaborados laudos sobre autópsias ou peças cirúrgicas como algo complicado, de cujo valor científico não duvidavam, mas não viam nos mesmos uma relação muito nítida com a medicina que eles praticavam. Quando muito, tais laudos seriam úteis para acompanhar a publicação de casos, o que se lhes acrescentava uma certa distinção científica. De um modo geral, o patologista tendia a viver isolado em seu laboratório, onde era procurado para escrever relatórios para a publicação de trabalhos, nos quais, no mais comum dos casos, seu nome não aparecia. Pela sua convivência com o laboratório, com a redação de relatórios técnico-científicos, e com a amplitude da sua área, o patologista vinha a ter mais familiaridade para executar tais tarefas que seus outros colegas do magistério. Assim, ele era particularmente solicitado para ajudar na preparação de teses, as quais eram exigidas até para a colação de grau em medicina. Claro que estas circunstâncias não eram muito favoráveis para uma convivência pacífica. A dificuldade de comunicação aparecia como um fator a perturbar a convivência entre os patologistas e os demais colegas. Eles não falavam a mesma língua. Eram comuns as queixas de ambas as partes. Consultando-se os livros de clínica médica ou cirúrgica publicados no Brasil, dos meados do século XX para trás, pode-se constatar que era habitual se colocar os dados referentes à anatomia patológica como uma nota à parte, com descrição de detalhes puramente morfológicos, sem conexão nítida com o resto do texto. O mesmo acontecia com os trabalhos publicados por patologistas, onde a parte clínica consistia geralmente na transcrição pura e simples da ficha ou dos protocolos, que costumavam ir para os arquivos dos Hospitais. Vários relatos de professores e estudantes de medicina da época, inclusive da nossa Faculdade, fazem referências às dificuldades de relacionamento e de aprendizagem durante a passagem pela cadeira de Anatomia Patológica. Também costumam se referir à personalidade peculiar dos professores responsáveis pela mesma. É possível que parte destes problemas reflitam o momento evolutivo histórico porque passou o ensino da Anatomia Patológica, a que nos referimos acima^(2,3).

Com o tempo a Anatomia Patológica adquiriu uma conotação mais dinâmica e mesmo passou a ser designada simplesmente como Patologia. Na realidade podemos considerar a Patologia como uma especialidade médica relativamente nova. A Patologia, definida como uma especialidade praticada em Hospitais, com utilização de técnicas morfológicas para elucidar as causas e os mecanismos

Recebido em 28/06/2007

Aceito em 20/09/2007

Endereço para correspondência: Prof. Zilton Andrade, Rua Osvaldo Valente, 644 Apto. 601 Itaigara 41815-090 Salvador, Bahia - Brasil. E-mail: zilton@bahia.fiocruz.br.

das doenças, sugerir medidas terapêuticas ou avaliar os efeitos do tratamento, a Patologia utilizada como disciplina basilar do ensino médico, esta pode ser datada como tendo surgido nas primeiras décadas do século XX. Portanto, não tem nem cem anos. Esta nova abordagem da Anatomia Patológica se consolidou logo após o término da II Guerra Mundial, com o predomínio da patologia praticada nos Estados Unidos, a qual enfatizava a correlação de estrutura e função e a aplicação da patologia na prática diária de uma moderna medicina científica, através das sessões anátomo-clínicas e da intensificação do uso de biópsias e exames citológicos, e utilização de todas as técnicas das ciências afins para melhor interpretar as alterações morfológicas e funcionais. Esta abordagem essencialmente dinâmica causou uma revolução nas três áreas básicas de atuação da Patologia: ensino, pesquisa e prestação de serviços. No ensino a Patologia foi considerada como uma ponte essencial para ligar as fases pre-clínica e clínica dos cursos de medicina, uma disciplina indispensável para fazer a integração dos conhecimentos médicos para o estudante. Pela riqueza e diversidade das suas técnicas e pela amplitude do seu campo de interesse, o potencial da pesquisa em Patologia só podia ser limitado pela própria imaginação e disponibilidades técnicas do pesquisador. Na prática diagnóstica, cabia ao patologista a última e decisiva palavra. O exercício era centrado nas Universidades, onde os departamentos de Patologia passaram a estar entre os mais importantes pelas suas múltiplas atividades, sendo um dos mais prestigiados pelas agências financiadoras de pesquisas, pelos órgãos oficiais de ensino, e pelos colegas de outras especialidades.

Este período áureo sofreu em tempos mais recentes uma estagnação ou talvez um início de decadência. Entre as suas causas mais evidentes aparecem: a diminuição acentuada da prática das autópsias, a falta de interesse dos jovens diplomados pela especialidade, e a sub-utilização do seu potencial de pesquisa, no que pese a possibilidade de emprego dos mais variados avanços tecnológicos que as ciências afins estão experimentando e oferecendo.

Para finalizar esta parte introdutória é necessário se destacar um fato de profunda significação para a história da Patologia na Faculdade de Medicina da Bahia, que coincide com a fase de transição histórica de uma Anatomia Patológica essencialmente morfológica, para uma moderna e dinâmica Patologia. No ano de 1948 foi inaugurado o Hospital das Clínicas na já então Universidade Federal da Bahia. Este hospital, que mais tarde veio a se chamar Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, e que tem as características arquitetônicas do seu similar de São Paulo, foi inaugurado com tudo o que havia de mais moderno na época, inclusive com um serviço de anatomia patológica, com sala de necrópsias, geladeiras para 6 cadáveres, arquivos, laboratório de técnica histológica, microtomia por congelamento, serviço fotográfico, tudo novo, amplo e moderno.

Historicamente, foi um fato auspicioso que a criação deste Hospital tenha coincidido com o fenômeno da progressiva

urbanização da população brasileira, o que transformou, pouco a pouco, a cidade do Salvador, então com cerca de 300 mil habitantes, em uma metrópole que hoje conta com quase 3 milhões. O aumento da população suscitou variados problemas, mas também funcionou como pressão para serviços mais amplos e mais eficientes. Tudo sofreu então uma revolução transformadora na cidade, e com o setor da Patologia não foi diferente. Tal evolução foi facilitada pela excelente infra estrutura então montada no nosso hospital escola.

O ensino e a prática da Patologia no novo hospital, com o exame sistemático de todas as peças cirúrgicas, com as necrópsias sendo feitas em quase 100% dos óbitos, com as sessões anátomo-clínicas regulares, com o advento das pesquisas, com a instalação do programa de residência e, logo mais, com o curso de pós graduação em Patologia Humana, representaram um contraste bem nítido com o que ocorreu na Faculdade de Medicina da Bahia durante o longo período de 1908 até o fim da década de 40 do século passado, onde as mudanças, que embora não deixassem de ter ocorrido, eram todavia mais ou menos imperceptíveis.

O Primeiro Centenário (1808-1908)

A primeira referência oficial sobre uma cadeira de Anatomia Geral e Patológica aparece na Primeira Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, publicada em 1854. Faltam maiores informações sobre o período anterior, nada tendo sido possível apurar que fosse de interesse direto para a história da Patologia. O relator Malaquias Alvares dos Santos faz um estudo retrospectivo da história da Faculdade, considerando ter havido até então 3 períodos: o primeiro (1808-1815) foi de ensino quase que sobretudo da Anatomia, que se fazia “graças ao empréstimo de alguns ferros velhos”. O segundo (1815-1832) melhorou com a reforma de 1815 e com a mudança para a Santa Casa, onde já há referências às dissecações de cadáveres, mas onde as instalações compreendiam apenas 3 salas, pequenas e escuras. No terceiro período (1832-1854) o curso passou a ser ministrado em 6 anos e foram criadas várias cadeiras, mesmo sem ter professores que as ocupassem. O autor das Memórias faz pesadas críticas ao ensino meramente teórico de então. Além da cadeira de Anatomia Geral e Patológica, são citadas as de Patologia Externa, Patologia Interna e Patologia Geral que lidavam com assuntos que podemos imaginar estarem relacionados com a Patologia.

Em 1862, o Prof. Francisco Rodrigues da Silva exortava os alunos a fazerem dissecações e escrevia: “da Anatomia Geral e Patológica cifra-se a sua prática em observações microscópicas, o que já é muito para uma ciência inteiramente nova entre nós”. O que ele chamava de observações microscópicas provavelmente era executado sobre figuras ou estampas, pois o uso regular do microscópio como instrumento de trabalho em sala de aula só começou no ano de 1881, quando o Dr. Pacífico Pereira, então professor substituto, abriu na Faculdade um curso livre de histologia e anatomia patológica.

Conta-se que, como não havia senão um único microscópio, que ele trouxera de uma viagem à Europa, o aparelho foi colocado sobre rodas em cima de um trilho, em volta de uma mesa, para que assim fosse deslocado, permitindo o exame por diversos estudantes durante a aula.

De qualquer maneira, as queixas ao ensino excessivamente teórico continuaram a aparecer nas memórias subsequentes, até mesmo na de 1942. O ensino da patologia interna, por exemplo, era feito doença por doença, na seqüência tal como aparecia no compêndio adotado. O relator de 1862 dizia não ter fé na patologia de livro e propunha que a cadeira de Patologia se tornasse ao mesmo tempo prática, aplicando os seus conhecimentos à clínica, “que é a patologia viva”.

Em 1877, o Prof. Egas Moniz Sodré de Aragão descreve como era feito o curso de patologia geral. Ele informa que fazia preleções sobre a matéria do seu curso, a qual era dividida em *Nosologia geral* (o estudo das moléstias sobre todos os seus aspectos), *Etiologia* (estudava as causas, predisposições, imunidades mórbidas, diáteses, especificidade e malignidade mórbidas), e ainda, *Diagnose, Semiologia, Prognose, Terapêutica e Nosografia*. Dizia ele: “antes de dar começo ao programa, tenho sempre por costume fazer como uma espécie de introdução, uma análise da vida, e para esse fim, passo uma vista d’olhos sobre todas as opiniões mais importantes, que se tem sustentado acerca desse fenômeno desde a fundação das ciências na Grécia, isto é, desde Thales de Mileto, o príncipe dos físicos, como o chamou Tertuliano, até a época atual”.

Os professores das matérias que se relacionavam com a patologia aparentemente não faziam cursos especiais para a sua formação, mas eram, pelo menos durante todo o século XIX, clínicos ou cirurgiões eminentes que liam sobre os assuntos e discorriam sobre os mesmos perante seus alunos. Há informações de que alguns se limitavam a ler o assunto da aula diretamente do livro, enquanto outros, nem tal esforço faziam, se limitando a marcar o texto no livro e mandando um aluno ler, enquanto os demais ficavam ouvindo. Por vezes, algum professor escrevia um livro ou fazia apostilhas, as quais eram então adotadas.

Para se ter uma melhor idéia da situação, pode-se ler o que, em 1897, escreveu Nina Rodrigues (3): “Eu creio que ninguém terá visto funcionar à noite um só gabinete desta Faculdade, para estudo particular do professor. Mas, não precisa ser à noite. De dia, antes das 9 horas da manhã e depois das 3 da tarde, raro será o que esteja aberto. Isto quer dizer que os laboratórios só funcionam no prazo estritamente marcado para a aula oficial e salvo uma ou outra exceção em que o professor vem um pouco antes para reparar a demonstração prática, para ver e montar os aparelhos recém-chegados ou que não conseguiu fazer funcionar, a regra é que ele entra na Faculdade à hora da aula e sai para não voltar mais, logo em seguida à terminação desta”. E apontou, como conseqüência deste fato, a incompetência técnica do professorado.

A repercussão deste relatório foi grande, pois em plena Congregação o Prof. Saraiva levantou-se e declarou: “O Sr.

Nina Rodrigues levantou sacrilegamente a tampa dos sarcófagos dos nossos velhos mestres e escarrou dentro”. Mas, não consta tenha havido alguma conseqüência prática imediata à esta contundente análise crítica ao ensino meramente teórico que de longa data vinha se fazendo na Faculdade.

Embora, como já foi dito, o ensino de matéria relacionado à anatomia patológica fosse tratado em várias cadeiras da Faculdade, na realidade não existia nas nossas faculdades médicas a cadeira propriamente dita de Anatomia Patológica, a qual só foi criada pela reforma de Saboia - o renovador do ensino médico entre nós - em 1882.

Assim sendo, o primeiro professor catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas na Bahia foi o cearense **Antônio Pacheco Mendes**, que foi para tal aprovado em concurso no ano de 1883. O Prof. Mendes era um excelente cirurgião, tendo feito na Bahia a primeira apendicectomia e a primeira prostatectomia, entre numerosas outras operações. Viajou pela Europa, tendo freqüentado serviços de anatomia patológica por lá, mas não consta que tenha feito um treinamento regular em qualquer um deles. Seus estudos sobre beriberi ficaram célebres, porque ele negava a sua etiologia infecciosa, contrariando a opinião dominante da época. Fez também uma brilhante carreira política, tendo sido Intendente da Capital (1915 a 1917), deputado à primeira Assembléia Constituinte Baiana (1891), Senador Estadual e, posteriormente, Deputado Federal (1918 a 1930).

O seu sucessor foi **Augusto César Vianna**, que regeu a cadeira de 1891 a 1901. Foi diretor do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia durante vários anos. Como era comum então, o Prof. Vianna exercia várias atividades, tanto como professor da Faculdade (foi professor de Histologia Teórica e Prática e de Bacteriologia), como em outros setores (foi Diretor da Faculdade de 1908 a 1912, de 1915 a 1930 e ainda em 1933, ano do seu falecimento). Fez viagens à Europa em 1891 e em 1914. Foi considerado como um dos grandes diretores que teve a Faculdade, tendo feito planejamentos e realizados melhoramentos da maior importância para o progresso do ensino médico na Bahia.

O Segundo Centenário (1908-2008)

O Dr. Vianna foi sucedido por **Guilherme Pereira Rebelo**, que prestou concurso e foi responsável pela cadeira de 1901 a 1916. Dava aulas tanto em colégios de curso secundário, como na Faculdade. Era considerado bom didata e a sua profunda cultura foi muito louvada. Foi também um importante político, tendo sido Conselheiro Municipal e Deputado Estadual em mais de uma legislatura.

O catedrático seguinte, para o período de 1916 a 1925, foi **Mário Andréa dos Santos**. Ele publicou um livro intitulado “Patologia Geral”, em 1923. Na realidade se dedicava mais ao estudo da histologia e acabou permutando a sua cadeira com a de Histologia e Embriologia Geral, de que era então professor o Dr. Leôncio Pinto. O Prof. Andréa foi talvez o primeiro patologista na Bahia a fazer a prática da patologia diagnóstica.

Em um informe à Faculdade, ele diz ter feito preparações histopatológicas para servir as várias clínicas, tendo examinado 85 peças cirúrgicas ao todo, entre 1920 e 1924.

O Prof. **Leôncio Pinto** foi o primeiro professor de anatomia patológica na Bahia a fazer uma especialização que podemos considerar como próxima a um curso formal de pós graduação. Embora natural da Bahia, foi diplomado em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro. Teve a sua formação acadêmica entre os anos 1907 e 1912, quando as repercussões da era pasteuriana estavam começando a produzir resultados práticos no Brasil e que se materializaram na criação do Instituto de Manguinhos, sob a direção de Oswaldo Cruz. Em 1911 fez um curso de Microbiologia em Manguinhos, quando teve como professores Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Em 1913 foi para Paris. Lá começou seus estudos em Bacteriologia no Instituto Pasteur, mas logo se decidiu pela Anatomia Patológica, passando então a estudar sob a direção do famoso Prof. Pierre Masson. Logo que regressou a Salvador, o Prof. Pinto fez concurso para Livre Docência e, uma vez aprovado, passou a se dedicar inteiramente ao estudo da Histologia e da Anatomia Patológica. Foi regente da cadeira de Histologia, de 1917 a 1925, quando a permutou com o Dr. Mario Andréa, passando a ser o professor de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Em 1931 fez concurso para catedrático e continuou dirigindo a cadeira até o ano de 1945. Os que o conheceram afirmam que ele tinha um temperamento difícil. Por vezes fazia críticas diretas e contundentes a professores, tendo angariado vários desafetos. Provavelmente ele deve ter experimentado todos os percalços do nosso subdesenvolvimento cultural e científico da época. A sua persistência ou obstinação para continuar na mesma linha da sua vocação, enfrentando um ambiente indiferente ou talvez mesmo hostil, com falta de pessoal qualificado, sem equipamentos, sem o intercâmbio a que estava acostumado e submetido a um senso de valores diferente daquele a que fora condicionado, deve tê-lo impellido ao trabalho solitário, à postura do sábio incompreendido. Assim deve ter trabalhado nas décadas de 1920-1930. Publicou alguns poucos trabalhos, sempre visando à patologia regional, sobretudo a esquistossomose. Os trabalhos apresentam metodologia muito simples, de tipo descritivo, como era usual na velha escola morfológica alemã, mas sem o estilo palavroso então muito comum entre nós. Infelizmente, não chegou a ser publicado um extenso estudo que se sabia o Prof. Pinto vinha desenvolvendo há muito tempo, sobre a patologia pulmonar da esquistossomose, segundo consta das notas biográficas publicadas na época do seu falecimento, em 1945.

Era costume na Faculdade de Medicina da Bahia, o doutorando apresentar uma tese para poder se formar. O Prof. Pinto era freqüentemente procurado pelos alunos para ajudar na redação e, muitas vezes, acabava por escrever todo o trabalho, tal a sua familiaridade com os assuntos e a literatura pertinente.

Devido ao seu comportamento por vezes excêntrico, conta-se do Prof. Pinto uma série de casos e “causos”. Um dos mais famosos passou-se durante um concurso para professor

catedrático. Foi quando um dos examinadores apresentou várias críticas à Tese do candidato, inclusive na parte referente à anatomia patológica. Quando o candidato estava com a palavra, tentou defender-se de todas as críticas, mas concordou sobre o que se referia à anatomia patológica, alegando que o examinador tinha grande experiência e ele, provavelmente, não estava muito a par do assunto. Foi quando se ouviu a voz do Prof. Leôncio Pinto, que estava incógnito na assistência: “Não professor!, não concorde! o examinador não entende nada do assunto que criticou e esta parte está toda certa, pois fui eu quem a escreveu”. Vendo então que o candidato ficara silencioso e baixara a cabeça, envergonhado, ele acrescentou: “Mas, não fique triste professor, porque eu escrevi apenas uma parte da sua Tese, enquanto que a do professor que lhe está criticando, eu a escrevi toda, de cabo a rabo”.

O Prof. Leôncio Pinto foi sucedido na cadeira pelo único colega que havia conseguido se aproximar dele e com ele aprender as técnicas de trabalho e a se identificar particularmente com o seu temperamento. Com o falecimento do catedrático, o Prof. **José Coelho dos Santos** se tornou professor substituto de Anatomia e Fisiologia Patológicas.

Tratava-se de uma pessoa honesta, com muita capacidade de trabalho, mas que era arredio, desconfiado e que se tornava muito tenso quando contrariado. Foi aprovado em concurso para professor catedrático em 1950, concorrendo com vários outros candidatos. Dedicava-se a dar aulas teóricas e algumas práticas de microscopia, mas falava em tom muito baixo e os alunos o julgavam com uma capacidade didática muito pobre. Suas querelas com os estudantes eram motivos para freqüentes greves na década de 50 e começos dos anos 60. Não tinha hábito de fazer necrópsias e raramente examinava peças cirúrgicas e, mais raramente ainda, fornecia um laudo das mesmas. Ele próprio fazia as suas preparações histológicas, trabalhando com muita meticulosidade. Não conseguia trabalhar ao lado de outros professores, nem assistentes, estudantes ou funcionários, muito embora várias pessoas tivessem tentado dele se aproximar. Ficava só, em um canto de um pequeno laboratório existente no Hospital Santa Izabel (Santa Casa) ou na sua sala no prédio da Faculdade, ao lado de um museu de peças anatômicas, e com uma linda vista para a Cidade Baixa e a baía de Todos os Santos. Conta-se que uma vez o reitor Edgard Santos levou um visitante para mostrar-lhe o museu, certo de que o Prof. Coelho estaria ausente, pois não o queria encontrar, sabendo do seu ressentimento por não lhe ter sido permitido chefiar o serviço de patologia do recém-inaugurado Hospital das Clínicas. Ao se deparar com ele, o Reitor disse, certamente referindo-se ao museu de peças anatômicas: “Professor, o que o senhor tem aí de bonito para mostrar ao nosso visitante?” Ao que ele respondeu calmamente: “apenas esta vista para o mar”. E voltando-se para o visitante: “É a única coisa que o Sr. Reitor ainda me permite”.

O Reitor Edgard Santos foi a figura exponencial na fundação da Universidade Federal da Bahia, que se deu ao 2

de julho de 1942. Em 1949 foi inaugurado o Hospital das Clínicas, já referido acima. O Reitor fez uma revolução no ensino superior na Bahia. Tinha uma visão bem ampla da sua Universidade e a compreendia e nela interferia nos seus mínimos detalhes. A tal ponto que, quando chegou ao Serviço de Anatomia Patológica do hospital escola, decidiu que a sua chefia não poderia ir para um professor que trabalhava isolado, que se relacionava mal com a maioria das pessoas e que representava o velho estilo de ensino teórico, que nada criava. Diga-se, a bem da verdade, que neste caso nada havia de perseguição política. De fato, existia na Faculdade de Medicina da Bahia um grupo de professores catedráticos que fazia ferrenha oposição ao Reitor, mas o Prof. José Coelho dos Santos, catedrático de Anatomia Patológica, a ele não pertencia.

A Reitoria optou então por contratar um professor estrangeiro. Diretamente da Itália veio o Prof. Raphaele Stigliani. Ele tinha sido aluno de Franco, o famoso patologista italiano. Ao chegar à Bahia Stigliani era já um professor de meia idade, alegre e simpático, mas ficou à frente do serviço por apenas pouco mais de um ano. Deixou laudos descritivos, escritos em francês ou italiano, por vezes com duas, três páginas de descrição detalhada, para concluir um relatório sobre um material de biópsia mostrando, por exemplo, uma simples cervicite crônica.

Para substituí-lo veio o Prof. Franz von Lichtenberg, então um jovem patologista, de excelente formação, que havia treinado com o Klemperer em Nova York. Desta vez foram designados dois médicos locais, que antes trabalhavam na clínica médica, para servirem como seus colaboradores ao lado do Franz Lichtenberg: Clarival do Prado Valadares e Jorge P. Studart.

A época de Lichtenberg foi também curta, apenas um ano ou talvez um pouco mais, mas já serviu para mostrar uma patologia mais dinâmica. O Corpo Clínico do Hospital viu pela primeira vez um patologista moderno, que discutia com eles problemas de correlação anátomo-clínica, contribuindo decisivamente em muitos casos para fazer o diagnóstico, para orientar tratamentos e para trocar informações científicas. Lichtenberg fez várias sessões anátomo-clínicas, uma novidade na época. Interessou-se pelo estudo da esquistossomose, uma patologia que o fascinou, tendo continuado o estudo da mesma durante toda a sua brilhante carreira, que até hoje prossegue em Boston, no Peter Bent Hospital, na Universidade de Harvard.

No ano de 1953, um de nós (ZAA) voltava de uma residência de dois anos em Patologia na Universidade de Tulane, em Nova Orleans, e foi convidado para se juntar aos colegas Clarival e Studart no Serviço de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas de onde havia recentemente se ausentado o Dr. Franz Lichtenberg. Um pouco mais tarde, o Dr. Anibal Silvany Filho, que também regressava de um período de estudos nos Estados Unidos, veio se juntar ao grupo. O período de 1953 a 1955 foi usado para estruturar a rotina e para colocar em dia muitos relatórios que ficaram atrasados com a saída do Lichtenberg.

Havia na época uma situação esdrúxula. O Serviço de Patologia do Hospital, dirigido por Clarival Valadares, era vinculado à direção do Hospital, não à Cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade. Os patologistas, com um rico material da rotina, não tinham responsabilidade de ensino. O Prof. Coelho dos Santos, isolado na Faculdade do Terreiro de Jesus, ensinava sem material. Para que os patologistas do Hospital tivessem atividade didática regular, o recurso foi a criação de um Curso Equiparado de Anatomia Patológica, que podia ser ministrado oficialmente para um grupo de alunos por um professor que fosse livre-docente, que na época era o Prof. Silvany Filho, que então ministrou esse Curso Equiparado.

Em janeiro de 1956, um dos componentes do grupo de patologistas do Hospital (ZAA) se transferiu para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, para servir como professor de Patologia por lá durante todo o ano. Todavia, no ano seguinte, foi convidado pelo Reitor Edgard Santos para voltar a Salvador e ao grupo do Hospital, do qual não mais fazia parte o Silvany Filho. Um pouco mais tarde, saía também o Clarival Valadares, transferindo-se para o Rio de Janeiro.

Todavia em meados de 1957, o grupo conseguia mais um patologista, que voltava de um treinamento no Memorial Hospital de Nova York: o Dr. Sérgio Santana Filho.

Em 1958 ocorreu um fato de grande importância para a vida do Hospital. Foi estabelecido um programa de residência em Clínica Médica, sob a direção dos Profs. Roberto Santos e Heonir Rocha, programa este que contava com forte apoio da Fundação Kellogg. O Serviço de Patologia, que já tinha uma rotina bem estabelecida, com bom processamento das necrópsias e dos cirúrgicos, com sessões anátomo-clínicas semanais, com exercícios regulares de revisão de peças das necrópsias, de revisão de patologia cirúrgica, teve uma destacada participação nesse programa de residência médica. Pouco a pouco, novos estudantes foram sendo atraídos para trabalhar no Serviço e novos patologistas foram sendo treinados, alguns dos quais enviados mais tarde para treinamento nos Estados Unidos, graças ao convênio com o programa de estímulo à Residência, patrocinado pela Fundação Kellogg.

No começo dos anos 60 do Século XX, o Serviço entrou na sua fase mais animada e produtiva até então. Esta fase se estendeu até meados dos anos 80. Seis patologistas trabalhavam em tempo integral e com dedicação exclusiva (Zilton A. Andrade, Sonia G. Andrade, Sérgio Santana Filho, Aristides Chetto de Queiroz, Edilson Brito e Mario Caymmi Gomes) e dois outros em tempo parcial (Jorge Studart e Zaida Borba Ramos).

Um programa de residência médica em Patologia começou a funcionar extra-oficialmente e logo mais foi oficializado. A excelência do treinamento e a animação reinante eram notadas nos Congressos de Patologia, em que o grupo da Bahia participava e logo vários colegas de outros estados vieram fazer residência no Serviço. O maior contingente veio do Rio Grande do Sul (Henrique L. Lenzi, Jane A. Lenzi, Carlos Renato Melo, Dorothea Melo, Marília Cechella, João Carlos Coelho,

Carlos Renan V. Juliano, Paulo Fontes Athanázio, Rui Adroaldo Moreira, Décio Gorini e Carlos Thadeu Czerski) e passou a constituir o grupo chamado carinhosamente de “baúchos”. Do Paraná, vieram José Carlos da Silva, Maçanori Odashiro e Neuza Odashiro. Da Paraíba, Ely Chaves e Aluizio Beltrão. Também vieram patologistas estrangeiros para estágios longos, de dois anos, casos dos Drs. Eric Van Mark, do Instituto de Medicina Tropical Príncipe Leopoldo, de Antuérpia, Bélgica, e Allen W. Cheever, do NIH, Bethesda, USA.

O número de participantes aumentou ainda mais quando, em 1973 foi instituído o programa de pós-graduação em patologia (mestrado). Um intercâmbio estabelecido com o Prof. Jean-Alexis Grimaud permitiu a vinda de professores franceses para colaborar no ensino pós-graduado, bem como a ida de alguns patologistas da Bahia para treinamento em microscopia eletrônica no Instituto Pasteur de Lyon.

Ao completar 20 anos de funcionamento do Curso de Pós-graduação em Patologia Humana da UFBA (1973 - 1993), foi apresentada uma “Memória”, onde se lê: “foram produzidas 47 teses, sendo 43 dissertações do mestrado e 4 teses originárias do curso de doutorado, o qual só foi instalado nos últimos anos. Embora sob a denominação oficial de dissertação, todo trabalho ao final do curso de mestrado representou pesquisa original, com utilização de material próprio e emprego de variadas técnicas”.

O estabelecimento do Curso de Mestrado trouxe um grande estímulo às atividades de pesquisa científica. Fez-se necessário a ampliação da área física e isto não era mais possível dentro das instalações do Serviço de Anatomia Patológica. Por volta de 1974 umas instalações que vinham sendo utilizadas pela Petrobrás dentro do *campus* da UFBA foram desocupadas. Para lá se transferiu todo o pessoal (professores, alunos, secretárias, técnicos, serventes), relacionado com as atividades de pós-graduação e pesquisa experimental, levando inclusive os seus aparelhos. Aliás, foi toda esta parte do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas, inclusive um microscópio eletrônico recém-doadado à UFBA pela FINEP, que mais tarde se transferiria para o recém-criado Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz, graças a um Convênio estabelecido entre a Reitoria da UFBA e a Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro (vide mais abaixo).

Também foi sentida a necessidade da preparação de pessoal para as novas áreas que se abriam para o desenvolvimento da Patologia. Uma delas foi a Imunopatologia, que vinha experimentando em todo o mundo um progresso exponencial a partir dos anos 60. Como conseqüência, alguns patologistas, já com formação de residência e mestrado, foram indicados para especialização no exterior, não mais em Patologia propriamente dita, mas em Imunologia. Foram os casos dos Drs. Moysés Sadigursky e, um pouco mais tarde, Henrique L. Lenzi e Manoel Barral-Netto, este último para ser exposto a problemas gerais de patologia experimental.

A partir de 1960, o grupo de patologistas do Hospital teve oportunidade de participar das atividades didáticas para

pequenos grupos de alunos de graduação através de um Curso Equiparado, que passou a ser ministrado pelo professor livre-docente Zilton A. Andrade.

A participação definitiva e oficial do grupo de patologistas do Hospital das Clínicas no ensino do Curso Médico veio a se dar em circunstâncias curiosas. Em 1963, mais outra greve estudantil pela mesma razão, essa em meados do ano letivo, a Congregação se reuniu para tratar de acabar com essa outra greve dos estudantes contra o professor catedrático de anatomia patológica. Ao se defender perante a Congregação da Faculdade, o Prof. Coelho dos Santos concordou que o seu curso era mesmo ruim, simplesmente porque ele não dispunha de um serviço no Hospital Universitário. Os catedráticos votaram então em maioria para corrigir uma anomalia que vinha desde a inauguração do Hospital. O então Chefe do Serviço (ZAA) foi sumariamente dispensado e o Prof. Coelho passou à Chefia. Ao entrar no Serviço, ele foi tratado por todos com cortesia e respeito e se comportou de modo exemplar, não causando qualquer problema ao andamento da rotina estabelecida. Mas, insistiu em ter o monopólio do Curso. Apenas o Dr. Mário Caymmi Gomes, oficialmente seu assistente, participava das aulas para os estudantes. Em fins de março de 1964, os estudantes continuaram frustrados, porque nada havia mudado para eles com a transferência do Prof. Coelho para o Hospital. Entraram novamente em greve e o professor foi removido do Serviço exatamente na véspera do golpe militar de 1964. Um dia a mais e tal transferência não teria acontecido, pois a força de pressão estudantil ficara, pelo menos momentaneamente, em baixa.

Veio logo em seguida a reforma do ensino médico, tendo ficado estabelecido que o ensino da Patologia deveria ser feito na cadeira de Patologia Geral (processos gerais) e que a patologia dos órgãos e sistema deveria se fazer nas respectivas cadeiras de clínica e de cirurgia sob a forma de sessões anátomo-clínicas. Tradicionalmente, na Faculdade da Bahia, a Patologia Geral nunca teve muito que ver com o que hoje se designa como Patologia. O conteúdo teórico desta cadeira não incluía o estudo dos processos gerais da Patologia e a sua parte prática era de laboratório clínico. Com a reforma dos anos 60, Patologia Geral passou a ser um departamento do Instituto de Ciências da Saúde. Este contava com umas 4 pessoas e seus componentes não quiseram aceitar que os 11 patologistas do Hospital passassem a pertencer ao mesmo. Foram criados então muitos departamentos, tantos quanto eram os catedráticos. Houve com isto, um excesso de departamentos, o que não foi aceito pelo MEC. O Departamento de Medicina Legal não tinha *quorum* para continuar como tal e nenhum dos departamentos existentes tinha características adequadas para com ele se associar. Houve então, em 1970, a sugestão para que fosse criado o Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal, que absorveria os patologistas do Hospital, o que foi aceito. O Prof. Coelho dos Santos também passou a pertencer ao tal Departamento. Ele vinha trabalhando então no Hospital Couto Maia, dedicado ao setor de doenças infectuosas, e não

mostrou mais interesse em participar do curso de graduação. Este curso passou então a ser dirigido pelo professor livre-docente Zilton A. Andrade, que mais tarde foi aprovado em concurso para professor titular (1974), logo após a aposentadoria do Prof. Coelho dos Santos. O Dr. Andrade veio a se aposentar em 1984. Somente em 1999 foi aberto concurso para professor titular, tendo então sido aprovado o Prof. Manoel Barral-Netto. O prof. Coelho dos Santos veio a falecer algum tempo depois da aposentadoria, na sua terra natal, no Maranhão.

Com a aposentadoria de seu Titular em 1984, o qual passou a exercer as suas atividades em pesquisa e ensino de pós-graduação da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz, o ensino no curso de graduação na Faculdade ficou ao cargo dos Professores Adjuntos e Assistentes do Departamento ligados ao setor de Anatomia Patológica. Na década de 90, diversos desses Professores se aposentaram: Jorge Studart, Sergio Santana Filho, Achiléa Bittencourt, Sonia Andrade, Edilson Brito, Leila Siqueira, Mario Caymmi Gomes, Zaida B. Ramos, e um deles faleceu: o Prof. Francisco Roters. Entretanto novos Professores Assistentes ingressaram por Concurso, renovando assim o seu quadro. Atualmente, exercem as suas atividades neste Departamento, os Professores Aristides C. Queiroz, Moysés Sadigursky, Paulo Fontes Athanazio, Marco Antonio Almeida, Manoel Barral-Netto, Aldina P. Barral, Luciano E. Fonseca Junior, Mitermayer G. dos Reis, Eduardo G. Ramos, Luiz Antonio Rodrigues Freitas, Helenemarie Schaer Barbosa, Silene Barreto (aposentada em 2003), Iguaracyra Bareto e Eduardo Studart. Atualmente, a parte de patologia geral é dada pelo Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Bahia para o curso médico (Patologia Aplicada I), enquanto o Departamento de Patologia Geral do Instituto de Ciências da Saúde, tem atividade didática exclusivamente para as outras áreas da saúde da Universidade.

Dos Professores da Faculdade, acima referidos, nenhum trabalha mais em tempo integral e, na sua maior parte, estão hoje responsáveis pela patologia diagnóstica em vários serviços e hospitais de Salvador ou prestam seu concurso ao Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz e ou à Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública.

Do meio para o fim dos anos 80, a crise geral que vinha castigando todo o Hospital das Clínicas e a própria Universidade, começou a se refletir nas atividades do setor de Patologia. O número de necrópsias diminuiu drasticamente, as peças cirúrgicas ficaram escassas. Com os baixos salários, corroídos pela inflação, o regime de tempo integral deixou de ser cumprido. Poucos jovens apareciam dispostos a fazer a residência médica em Patologia. Sem residentes, o curso de pós-graduação, que exigia a residência como pré-requisito para a matrícula, passou a não contar com candidatos em número e qualidade suficientes.

Nos dias de hoje há, felizmente, fortes indícios de que o Serviço de Patologia do Hospital vem se recuperando, já contando com reforma de salas, compra de novos e modernos

aparelhos e com sinais de que os residentes já começam a voltar. Apesar da crise, o curso de graduação manteve um bom nível durante todo o tempo, sendo até hoje considerado um dos melhores da Faculdade. Conta, nos dias atuais, com as disciplinas Patologia Aplicada I (processos gerais), Patologia Aplicada II (patologia sistêmica) e Imunologia.

O Curso de Pós-graduação em Patologia, localizado no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz, foi durante 20 anos coordenado por Sonia G. Andrade. Passou, em 1996, a ser coordenado por Manoel Barral-Netto, quando, para enfrentar o problema da falta de alunos médicos, o Curso conseguiu permissão para admitir bio-médicos ou para-médicos, principalmente para a nova área de concentração designada como Patologia Experimental. Com esta medida os alunos apareceram em número tal que exigiu o aumento do número de vagas, que está sendo anualmente preenchido, mesmo com um exame de seleção dos mais rigorosos. Com isto o Curso, embora perdendo gradualmente as suas características originais de um curso de Patologia Humana, e passando a ser mais um curso de Ciências em geral, vem formando pessoal de um escalão médio de alta competência, de que a pesquisa científica no país sempre se ressentiu. Continua, todavia, vinculado ao Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA.

Patologia no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz

A Patologia que se desenvolve no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz, embora pouco voltada para a sua parte diagnóstica, tem estreitas relações de origem e de estrutura com aquela desenvolvida na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). O Centro, que agora passou a ser designado como Instituto, passou a funcionar em Salvador a partir de 1980. A iniciativa para a sua fundação partiu da Fundação Oswaldo Cruz, do Ministério da Saúde, que achava necessário ter mais um núcleo regional para as suas atividades, a exemplo do Centro Aggeu Magalhães, do Recife e do René Rachou, de Belo Horizonte. Com muita habilidade política e administrativa, os seus dirigentes na época conseguiram a colaboração decisiva da Secretaria de Saúde do Governo do Estado da Bahia e da Reitoria da UFBA. A base da negociação incluía a cessão dos prédios, pelo Estado, e a transferência de todo o pessoal e equipamentos da área de pesquisa e pós-graduação da Universidade, o que incluía o Curso de Pós-graduação em Patologia Humana, do Departamento de Anatomia Patológica da FAMEB-UFBA para as novas instalações do Centro de Pesquisas no bairro de Brotas, o que foi acertado se faria sem que os professores envolvidos deixassem de atender às atividades didáticas da graduação na Faculdade. Estas decisões representaram no seu conjunto um exemplo significativo de colaboração entre órgãos públicos federais, com vantagens mútuas.

A criação do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz foi decisiva para o progresso da moderna patologia na Bahia. Os seus frutos já são evidentes nos dias de hoje, mas, muito mais é lícito se esperar de um futuro próximo. O Centro conta com

Laboratórios bem equipados e a maioria do seu pessoal com formação em programa de residência e em cursos de pós-graduação em Patologia, alguns com complementação nos melhores centros nacionais e estrangeiros. Hoje ali se desenvolvem as áreas de Patologia Experimental (Zilton A Andrade, Sonia G Andrade), de Biologia Molecular (Mitermayer G. Reis), de Biologia Celular (Luiz A. R. Freitas), de Imunopatologia (Manoel Barral-Netto e Aldina Barral), de Histopatologia (Eduardo Ramos), e Doenças Infecciosas (Bernardo Galvão Castro), para citar apenas as áreas lideradas por patologistas oriundos ou ainda ligados ao Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA.

Nota dos Autores: parte da revisão histórica contida neste artigo foi reproduzida do capítulo “História da Patologia na Bahia”, que os AA publicaram no livro “A História da Patologia no Brasil”, editado pela Sociedade Brasileira de Patologia, 2001.

Obras Consultadas

1. Coni AC. A Escola Tropicalista Bahiana. Livraria Progresso Editora: Salvador, BA, 1952.
2. Faculdade de Medicina da Bahia. Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia, editadas de 1854 a 1942. Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia.
3. Teixeira R. Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943 – 1995). EDUFBA: Salvador, 3ª edição, 2001.
4. Santos R. A Faculdade do meu tempo (Memórias, 2º. Volume). Senado Federal: Brasília, 1978.